

# **FUNCIONAMENTO DOS ASPECTOS LINGÜÍSTICOS NO DISCURSO HUMORÍSTICO**

**RESUMO:** Objetiva-se refletir os aspectos linguísticos que podem ser explorados no discurso humorístico. O aporte teórico da reflexão parte de autores clássicos do humor, assim como de autores contemporâneos que abordam sobre o funcionamento do discurso humorístico, a teoria semântica do humor e as piadas como instrumento de ensino. A metodologia centra-se na pesquisa bibliográfica e na pesquisa qualitativa. Os resultados apontam para a possibilidade de o uso de textos humorísticos estimular a reflexão sobre os efeitos de sentido construídos na língua/linguagem no contexto escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** aspectos linguísticos, discurso humorístico, ensino.

## **1. Introdução**

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998) propõem conteúdos de Língua Portuguesa que se articulam em dois eixos básicos: o USO da língua oral e escrita, que organiza a Prática de escuta e de leitura de textos e a Prática de produção de textos orais/escritos, e a REFLEXÃO sobre a linguagem, responsável pela organização da Prática de análise linguística.

A partir dessas propostas de ensino, entendemos que o ensino de Língua Portuguesa deve fixar-se a partir do uso e da reflexão sobre a própria língua. Segundo Neves (2010, p. 173), “a sala de aula, é um espaço de reflexão, e as atividades de ensino-aprendizagem têm que caminhar sempre sobre essa base”. Partindo desse pressuposto, pretendemos, com esse texto, refletir sobre os aspectos linguísticos mobilizados para produzir efeitos de humor no discurso humorístico.

De acordo com Brait (2008b, p. 17), o discurso humorístico “possibilita o desnudamento de determinados aspectos culturais, sociais ou mesmo estéticos, encobertos pelos discursos mais sérios e, muitas vezes, bem menos críticos”. Esse desnudamento pode fazer com que o sujeito que enuncia através de enunciados humorísticos se denuncie ou se oculte.

Nesse sentido, postulamos a necessidade de compreendermos a organização discursiva do gênero piada, considerando-o como um tipo de organização simbólica dos significados ideacionais e interacionais em textos coerentes e relevantes, uma vez que nosso interesse vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua.

Nossa intenção é abordar as estratégias de dizer ou discursar que levam à quebra de expectativas, ao inusitado das estruturas linguísticas ou em seu preenchimento que fazem rir. O ideal é que a aula de língua portuguesa favoreça ao aluno a possibilidade de agir refletidamente, de enfrentar desafios, de discutir questões, de perceber a funcionalidade das escolhas linguísticas promovidas nos textos (NEVES, 2010, p. 172-173).

Visando refletir sobre todas essas estratégias, apresentamos, a seguir, considerações sobre o funcionamento de textos que realizam o discurso humorístico, a teoria semântica do humor e as piadas como instrumento de ensino. Nesse sentido, para identificar os aspectos linguísticos que podem ser explorados no discurso humorístico, recrutamos como referencial teórico autores como Freud (1996a, 1996b, 1996c), Raskin (1985), Travaglia (1989b, 1990, 1995), Possenti (1998) e Neves (2010).

## **2. Pressupostos teórico-metodológicos**

### **2.1. O funcionamento do discurso humorístico**

Freud (1996b) foi um dos autores que se dedicaram aos estudos do humor. Em sua obra *Os Chistes e sua relação com o inconsciente*, ele faz referência à manifestação cômica e sua relação com a alma humana. Seu interesse pelo humor surgiu pela semelhança que existe entre as técnicas do estudo do risível com a elaboração do sonho. Ele faz distinção entre três campos do risível: o chiste, o cômico e o humor. De acordo com o autor, o chiste provoca o riso por meio de um jogo de palavras ou ideias (gracejo, piada, anedota); o cômico refere-se a eventos ou objetos lúdicos, gozados, alegres, ridículos, e envolve a percepção de contraste. O humor está reservado para os casos em que uma pessoa dá pouca importância a seus infortúnios e está apta a ver o seu lado engraçado. Segundo Freud (1996a, p. 257),

O humor é o meio de obter prazer apesar dos afetos dolorosos que interferem com ele; atua como um substantivo para a geração destes afetos, coloca-se no lugar deles. As condições para seu aparecimento são fornecidas se existe uma situação na qual, de acordo com nossos hábitos usuais, devíamos ser tentados a liberar um afeto penoso e então operam sobre estes motivos que o suprimem *in statu nascendi*. Nos casos ora mencionados, a pessoa que é vítima da ofensa, dor, etc. pode obter um prazer humorístico, enquanto a pessoa não envolvida ri sentindo prazer cômico.

Freud (1969a, p. 269) considera que o humor, assim como a loucura, a embriaguez, a neurose e o êxtase, é um mecanismo de defesa contra a dor. E, além disso, “[...] o triunfo do narcisismo no qual se afirma vitoriosamente a invulnerabilidade do eu”. Ele reconhece a linguagem como um dos fatores fundamentais para que os chistes aconteçam, uma vez que é por meio dela que um enunciado assume o caráter chistoso.

De acordo com Freud (1996b, p. 8), um chiste é a “habilidade de encontrar similaridades entre coisas dessemelhantes, isto é, descobrir similaridades escondidas”. Freud (1996b), em suas pesquisas, reconhece que a técnica do chiste que provoca humor, se assemelha aos mecanismos da condensação e deslocamento que se mostram no inconsciente, como nos sonhos, atos falhos e sintomas. Esses mecanismos buscam dificultar ou burlar a censura, desviando a energia psíquica e concebendo-a de forma indireta, ou seja, como uma ideia recalcada no inconsciente, sob pressão de prazer e riso, surge para a consciência para dizer, em tom de brincadeira, aquilo que verdadeiramente se deseja.

Apoiando-se em diversos autores, Freud (1996b) apresenta algumas técnicas de chistes, buscando categorizá-las como, condensação, o uso múltiplo do mesmo material e duplo sentido. A condensação é uma categoria mais ampla que reúne outras técnicas. Essas técnicas são responsáveis pelo princípio de economia e são apresentadas pelo autor, a partir dos efeitos que os mecanismos próprios do inconsciente (condensação/metáfora e deslocamento/metonímia) produzem nos sonhos, ou seja, o chiste é resultado de uma técnica verbal.

Freud (1996c, p. 172-173) reporta-se ao mecanismo de condensação como:

Entendemos, com isso, que o sonho manifesto possui um conteúdo menor do que o latente, e é deste uma tradução abreviada, portanto. Às vezes a condensação pode estar ausente; via de regra se faz presente e, muitíssimas vezes, é enorme. Jamais ocorre uma mudança em sentido inverso; ou seja, nunca encontramos um sonho manifesto

com extensão ou com conteúdo maior do que o sonho latente. A condensação se realiza das seguintes maneiras: (1) determinados elementos latentes são totalmente omitidos, (2) apenas um fragmento de alguns complexos do sonho latente transparece no sonho manifesto e (3) determinados elementos latentes, que tem algo em comum, se combinam e se fundem em uma só unidade no sonho manifesto. [...] a elaboração onírica, [...] procura condensar dois pensamentos diferentes buscando (como um chiste) uma palavra ambígua, na qual dois pensamentos se possam juntar.

O mesmo autor considera que o deslocamento manifesta-se de duas maneiras:

na primeira, um elemento latente é substituído não por uma parte componente de si mesmo, mas por alguma coisa mais remota, isto é, por uma alusão; e, na segunda, o acento psíquico é mudado de um elemento importante para outros sem importância, de forma que o sonho parece descentrado e estranho (FREUD, 1996c, p. 174-175).

Freud (1996b) reconhece também outras maneiras empregadas na criação dos chistes como, o *nonsense*<sup>1</sup>, os raciocínios falhos (silogismo), a estupidez, o automatismo, a unificação, o trocadilho a resposta pelo contrário, o cinismo e a analogia. Freud (1996b), ao observar que os chistes consistem em uma determinada técnica, postula que é o sentido produzido entre ideias e o modo como é linguisticamente constituído que determinam o efeito de humor no texto e não o assunto propriamente. Desse modo, o psicanalista concebe, por meio dos chistes, o funcionamento do inconsciente como fonte de prazer. Possenti (1996) analisa o discurso humorístico, via piadas, a partir da consideração dos níveis de organização linguística e para revelar seus efeitos e o modo como a língua foi organizada para o linguístico os produzir.

Freud (1996b) e Possenti (1998, p. 30) analisaram a mesma piada:

*Um conhecido especulador da bolsa, também banqueiro, caminhava com um amigo na principal avenida de Viena. Quando passaram por um café, disse: – Vamos entrar e tomar alguma coisa?  
Seu amigo o conteve: Mas, Herr Hofrat, o lugar está cheio de gente!*

Freud (1996b) destaca que o chiste da piada acima foi formado usando a técnica de deslocamento, isto é, desvia-se o curso do pensamento em destaque para

---

<sup>1</sup> Sem sentido, contrassenso, absurdo.

outro elemento, que não o de abertura. Possenti (1998) considerou a piada a partir de um mecanismo linguístico, polissemia do verbo *tomar*, que resulta em uma piada de cunho lexical.

O enfoque no verbo polissêmico *tomar* também é dado por Neves (2010, p. 174) ao analisar piadas como alterações nas construções gramaticais, conforme o exemplo a seguir:

- *Escuta, Godói! Não é melhor a gente tomar um táxi?*
- *Não, obrigado. Hoje eu não quero misturar mais nada.*

Freud (1996b) destaca que somos empenhados a contar nosso chiste para o outro porque somos incapazes de rir de nós mesmos. Quando contamos um chiste para alguém, estamos utilizando-o para gerar o próprio riso, pois o riso só acontece em contato com o outro, ou seja, na interação. Assim, o chiste demonstra a função lúdica da linguagem por meio da interação. Freud (1996b, p. 149) postula que

o riso está entre as expressões de estados psíquicos mais altamente contagiosas. Quando faço alguma pessoa rir, contando-lhe meu chiste, estou de fato utilizando-a para suscitar meu próprio riso e é possível, de fato, observar que a pessoa que começou a contar o chiste, com a face séria, reúne-se depois à gargalhada do outro com um riso moderado.

Possenti (2000, p. 145) faz uma alusão a Freud e destaca o vasto prazer que os chistes geram e argumenta que “talvez nós rimos mais francamente daqueles [chistes] que ora nos são de difícil uso, porque requerem comentários mais extensos e, mesmo com tal ajuda, não produziriam o efeito original”.

Essa breve reflexão sobre o humor suscita um estudo mais aprofundado dessa dimensão semântica, o que se fará a seguir, a partir dos trabalhos de Raskin (1985).

## **2.2 Teoria semântica do humor**

Estudos relativos ao humor e que ganharam relevo no campo da linguística são os de Raskin (1985). Ele propõe uma teoria semântica contextual formal do humor baseada nas noções de script. Nessa perspectiva, *os scripts* são feixes estruturados e formalizados de informações semânticas inter-relacionadas, que podem criar situações

de humor, de acordo com a combinação desses feixes, ou seja, eles são um conjunto de informações sobre algo.

O autor afirma que o *script* está diretamente ligado a uma estrutura cognitiva do locutor e utiliza a expressão “frames semânticos” para dirigir-se ao modo como o leitor, ao interpretar um texto, ativa o conhecimento de mundo além do contexto discursivo imediato. Desse modo, o *script* envolve todos os sentidos que se referem àquele item lexical.

Nessa percepção, uma palavra na oração solicita um *script* e o *script* solicitado pela oração determina seu significado, ou seja, as orações anteriores do discurso auxiliam a contextualizar as seguintes. Essas informações auxiliam o leitor a fazer relações com base no contexto. A partir dessa perspectiva, Raskin (1985, p. 17) apresenta uma caracterização do chiste em termos semânticos, com os seguintes ingredientes:

- a) uma mudança do modo de comunicação confiável bona-fide (de boa-fé) para o modo não confiável (não bona-fide) da ação de fazer humor;
- b) o texto é intencionalmente humorístico;
- c) dois *scripts* são parcialmente sobrepostos e compatíveis com o texto;
- d) uma relação de oposição entre os dois *scripts*;
- e) um gatilho, óbvio ou implícito, fazendo a mudança de um *script* para o outro.

Para Raskin (1985), a sobreposição de um *script* ao outro faz surgir uma única interpretação, propiciando o humor. Na piada, esse processo acontece por meio da ambiguidade, que favorece a oposição de sentido da palavra. Mas, segundo o autor, uma sobreposição não é motivo satisfatório para obtermos humor, uma vez que todo o texto ambíguo é composto de dois ou mais *scripts*, porém nem sempre um texto ambíguo é humorístico. Quanto ao “gatilho”, ele acontece ao inserir o segundo *script*, isto é, ocorre um apagamento do primeiro *script*, estabelecendo uma nova interpretação do texto, que é inesperada em relação à primeira. Essa técnica disfarça o teor dos discursos proibidos, tornando-os mais aceitos. Observemos um exemplo:

– *O doutor está em casa? O paciente perguntou num sussurro rouco.*

- Não - sussurrou em resposta a jovem e bela esposa do doutor.
- Pode entrar.

Segundo Raskin (1985), temos nesse exemplo dois scripts: o doutor e a amante. Desse modo, um texto para ser considerado de humor, precisa estar vinculado a dois scripts diferentes e opostos. E, nesse processo, há um “gatilho” que permite a passagem de um script para o outro, por meio de expressões linguísticas como “sussurro rouco”; “jovem e bela esposa”, que são contextualizadas pelo leitor.

O autor aborda as noções do modo de comunicação *bona-fide* e *non-bona-fide*. A primeira conduz à conversação e é regida pelo princípio cooperativo, em que o falante está empenhado com a verdade e o apreço de seu discurso, e o ouvinte está convicto disso. A piada anterior é um exemplo *bona-fide*, pois há uma cooperação entre o doutor e a amante. A segunda está relacionada às piadas que, basicamente, têm a função de brincar, inverter ou “infringir” os discursos não autorizados pela sociedade, por meio de dois *scripts* opostos. Em uma piada mais elaborada, pode não acontecer um *script* de forma espontânea, e, sim, uma implicatura por alusão, isto é, implica-se que o falante tenha conhecimento do que o interlocutor pensa ou sabe.

Raskin (1985) reconhece duas disciplinas que são importantes para o estudo do humor: a Semântica e a Pragmática. No estudo dessas disciplinas, o autor destaca conceitos como implicações e implicaturas, inferências, pressuposições, mundos possíveis, atos de fala e estratégias conversacionais.

De acordo com Raskin (1985), a teoria semântica do humor baseada em *script* é mais voltada a responder à questão “Como?” do que à questão “Por quê?”. Possenti (1998, p. 15) ratifica essa ideia ao dizer que:

A melhor maneira de estabelecer a diferença entre um tratamento linguístico nas piadas e outra abordagem qualquer talvez seja utilizar os termos de Raskin, segundo o qual a linguística explica o “como” e não o “porquê” do humor.

De acordo com Possenti (1998), o humor provém da combinação de elementos linguísticos e extralinguísticos, ou seja, o que é dito assenta-se na combinação da forma do discurso com os elementos que estão fora do que é linguístico, dentre os quais podemos citar a história, a cultura e a sociedade, e tanto uns quanto os outros são igualmente determinantes para esse modo de manifestação do discurso. Logo, o humor

decorre do que se fala (tema e forma), como se fala (estilo), quem fala (locutor), para quem se fala (interlocutor), e da situação em que se encontram os falantes (contexto) etc. Os textos do discurso humorístico são manifestações sociais que possuem aspectos linguísticos e, de acordo com Possenti (1998, p. 22-23), um texto humorístico como

uma piada não se constitui apenas de elementos verbais. No entanto para que a linguística possa dar ao campo uma contribuição específica, e que ainda falta, porque os outros campos não o farão, deveria dar-se como tarefa, no campo do humor, a descrição dos gatilhos e das razões que fazem um texto ser compatível com mais de um *script*.

Raskin (1985) menciona uma pesquisa de literatura em que aborda vários aspectos do humor para chegar a uma conclusão de que algo que é engraçado para um grupo não é necessariamente para outro, porém a disposição de contemplar o humor e se entreter é universal. De acordo com o autor, os recursos que contribuem para que o humor aconteça são: a participação de um locutor/interlocutor; a animação expressa e correspondida; as situações jocosas vivenciadas pelas pessoas; a predisposição ao humor; o contexto de situação que define a semântica da piada verbal e a função da sociedade, porque o humor é compartilhado entre os componentes de um certo grupo social, em uma determinada cultura, com seus valores, crenças e normas.

Essas considerações de Raskin (1985) vêm ao encontro do conceito de contexto de situação e contexto de cultura (conjunto de fatores externos que afetam as escolhas linguísticas de quem fala ou escreve) postulados por Halliday e Hasan (1989), e apresentados no segundo capítulo desta dissertação.

Feitas essas considerações a respeito do humor, cabe, então, refletir a respeito das piadas e sua relevância para o ensino de Língua Portuguesa.

### **2.3 Piadas como instrumento de ensino**

Ao realizar seus estudos sobre humor, Travaglia (1990) retoma os postulados de Raskin no campo da História, da Antropologia, da Sociologia e da Psicologia e propõe outras contribuições no campo da Linguística, como na Sociolinguística, na Análise da Conversação, na Linguística Textual e na Análise do Discurso. Para Travaglia (1990, p. 55), o humor.

é uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico; uma forma de revelar e flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais e culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios.

Travaglia (1989a) registra que os textos humorísticos são um recurso didático muito importante no desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. O autor argumenta que uma sequência linguística pode ter múltiplas interpretações, de acordo com as variações das condições de produção, e certos efeitos de sentidos são vistos como únicos, porque são de interesse da classe dominante. Os textos humorísticos desestruturam o “discurso proibido”, pois neles são reconhecidas manifestações da exterioridade sócio-histórica, culturais e ideológicas:

O texto humorístico é capaz de deixar evidente, de uma forma bem agradável, fatos importantes do funcionamento discursivo dos textos e dos recursos da língua, o que sem dúvida é interessante para a pesquisa linguística que tem nos textos humorísticos evidências bastante explícitas de tais casos (TRAVAGLIA, 1989a, p. 51).

Para o autor, o humor constitui uma forma de representação privilegiada da história da sociedade uma vez que descortina assuntos acobertados pelos discursos controlados com a intenção de revelar a realidade utilizando o riso. Travaglia (1990) argumenta ainda que, para que o humor se estabeleça entre o humorista e o leitor/ouvinte é preciso que aconteça entre eles o conhecimento partilhado, isto é, o leitor/ouvinte que não pertencer àquela sociedade terá dificuldade em estabelecer sentido ao humor que nela foi produzido.

Com o propósito de definir o que se pode considerar como humor, Travaglia (1989b, p. 670-677), em seu artigo “Recursos linguísticos e discursivos do humor: humor e classe social na televisão brasileira”, apresenta seis categorias de humor:

Categoria 1: *Humor quanto à forma de composição*, que abrange os tipos narrativo, descritivo e dissertativo.

Categoria 2: *Objetivos do humor*: riso pelo riso, liberação, crítica social (política, de costumes, instituições, serviços, caráter ou tipo humano), denúncia.

Categoria 3: *Humor quanto ao grau de polidez*: humor de salão, humor médio ou pesado.

Categoria 4: *Humor quanto ao assunto*: o humor negro, o humor sexual, o humor social (político, costumes, instituições, serviços, caráter ou tipo humano, governo, classes e língua), o humor étnico.

Categoria 5: *Humor quanto ao código*: verbal ou linguístico, não-verbal (situação de gestos, movimentos e atitudes corporais, caracterização, expressão fisionômica, ruídos vocais não-linguísticos, objetos voz).

Categoria 6: *O que provoca riso* que é dividido em duas subcategorias: *scripts* (estupidez, esperteza ou astúcia, ridículo, mesquinhez) e *mecanismos* (ironia, mistura de lugares sociais ou posições de sujeito, ambiguidade, uso de estereótipo, contradição, sugestão, descontinuidade de tópico ou quebra de tópico, paródia, jogo de palavras, quebra-língua, exagero, desrespeito às regras conversacionais, observações metalinguísticas e violação de normas sociais).

O autor (1995, p. 45), em seu artigo *Homonímia, mundos textuais e humor* faz referência aos *scripts* apresentados por Raskin (1985):

sabe-se também que um dos mecanismos básicos dos textos humorísticos é a bissociação que consiste em, por recursos diversos, ativar dois mundos textuais. Ou seja, o texto, como dizem alguns estudiosos, será compatível com dois scripts ou frames em algum sentido opostos entre si.

Essa afirmação do autor enfatiza que o texto humorístico propõe mais de uma possibilidade de leitura de sequências linguísticas e adverte que geralmente o receptor é surpreendido com mais de uma possibilidade de leitura não identificada por ele. Segundo Travaglia (1995, p. 45), isso acontece “devido a condicionamentos discursivos que privilegiam certos contextos numa situação de leitura”.

Nesse processo entram em destaque vários mecanismos<sup>2</sup> para a produção de efeitos humorísticos. Dentre eles, o mais trabalhado pelo autor é a ambiguidade, que funciona como gatilho do humor nas homonímias. O autor registra alguns tipos de homonímias<sup>3</sup> que podem ser identificadas em textos humorísticos como, palavras idênticas, palavra/sequência, duas sequências homônimas, homônimos com sequência

---

<sup>2</sup> Como a ironia, a mistura de lugares sociais ou posições de sujeito, a ambiguidade, contradição, sugestão, descontinuidade ou quebra de tópico discursivo, paródia, desrespeito às regras conversacionais, violação de normas sociais (TRAVAGLIA, 1995).

<sup>3</sup> Diz-se de, palavra que se pronuncia e/ou se escreve da mesma forma que outra, mas de origem e sentidos diferentes. Dicionário Aurélio.

de classe, expressão idiomática X mesma sequência não funcionando como expressão idiomática, homônimas com diferenças sintáticas e falsa homonímia.

Sírio Possenti, em seu livro *Os humores da língua* (1998), explica que há três razões para tomar as piadas como objeto de estudo: a) geralmente, as piadas são sobre temas socialmente controversos; b) elas geram estereótipos representativos (judeu só pensa em dinheiro, brasileiro/mineiro é o mais esperto, português é burro, gaúcho é afeminado, nordestino é preguiçoso...) e c) veiculam discursos proibidos, subterrâneos, não oficiais. Além dessas três razões, o autor argumenta que há outras ainda mais fortes como o ponto de vista linguístico, em que as piadas revelam, com clareza, o funcionamento da língua.

Para Possenti (1998, p. 27), “qualquer domínio que uma teoria linguística tematize pode ser exemplificado por uma piada, cujo funcionamento depende basicamente de sua análise e interpretação”. Com isso, considera-se que os especialistas poderiam ter um modo legítimo de incluir os interlocutores em situações reais de interpretação e, ao mesmo tempo, tratar de mecanismos internos da língua. Diante disso, o autor descreve as chaves linguísticas que desencadeia nosso riso pelos já conhecidos níveis (domínios) linguísticos: sintaxe, morfologia, fonologia, dêixis, inferência, pressuposições, conhecimento prévio, variação linguística etc.

Possenti (1998, p. 37) argumenta que, “além de serem bons exemplos para explicitar princípios de análise linguística, as piadas fornecem excelentes argumentos para várias teses ligadas às teorias textuais e discursivas”. Em relação aos sentidos, as piadas apresentam, de maneira bem explícita, a questão da ambiguidade e ainda de maneira mais clara, do equívoco que a linguagem pode gerar. Outra questão interessante diz respeito ao fato de as piadas não terem autoria e, por isso, elas sinalizam que existem discursos que são ditos por todos, sem que sua procedência esteja vinculada a um determinado indivíduo.

Nesse contexto, as piadas parecem que foram criadas com a finalidade de ilustrar a intertextualidade e a heterogeneidade dos discursos, pois qualquer texto com mais de um sentido pode servir para essa finalidade. Possenti (1998, p. 37-38) exemplifica que há chistes que requerem claramente a intertextualidade, como: “O futebol é o craque do povo”. Segundo o autor, esse texto refere-se à frase: “a religião é o ópio do povo”, que, com o tempo, foi utilizada no futebol: “o futebol é o ópio do povo”. E com o aparecimento de drogas diferenciadas, como caso do crack e, do mesmo modo, a palavra “craque” é empregada na linguagem futebolística. Segundo Possenti (1998, p.

38), “sua eventual graça reside exatamente na descoberta dessas relações, especialmente, na substituição de o “ópio” por “craque” e, na descoberta da ambiguidade desta palavra, que remete a uma droga e também significa jogador”. Nesse exemplo, podemos observar a dinâmica dos significados/sentidos, ou seja, velhas roupagens com novos usos.

Acrescenta-se ao que foi dito que, uma piada não pode ser comparada a um texto “codificado” com uma definição que a língua proveria de convenção. Geralmente, a piada possui algum elemento linguístico com, no mínimo, dois sentidos possíveis e cabe ao leitor não simplesmente verificar quais são esses sentidos, “Mais que isso, cabe-lhe descobrir que, havendo dois sentidos, o mais óbvio deles deve de alguma forma ser posto de lado, e o outro, o menos óbvio, é aquele que, em um sentido muito relevante, se torna dominante” (POSSENTI 1998, p. 39).

Neves (2010) defende o uso de piadas, no contexto escolar, por serem um gênero que propicia uma reflexão estimulante sobre a língua/linguagem, particularmente no que diz respeito aos efeitos de sentido e nos efeitos de humor construídos. Segundo Neves (2010, p. 173):

Pode até parecer estranho dizer isso, mas as piadas são textos particularmente provocadores de reflexão, instigantes, e por isso mesmo, de boa escolha para o trabalho com língua e linguagem nas escolas. Considero muito evidente a suposição de que, para qualquer pessoa sensível interessada na linguagem, depois do riso que a piada provoca ainda fica a alegria de ver e admirar de que modo o jogo de obtenção de sentido e de efeito de humor foi explorado.

Nessa abordagem, são destacadas alterações no acionamento das construções linguísticas, ou em seu preenchimento, que fazem rir. Neves (2010, p. 173) argumenta que faz parte da competência linguística dos falantes da língua materna identificar essas alterações e obter o efeito de humor esperado, ou seja, ao se construir um enunciado, projeta-se a alteração na construção com intenção de gerar humor na piada.

A partir da noção de predicação básica, Neves (2010) apresenta uma proposta de intervenção pedagógica no processo de ensino-aprendizagem para os gêneros do humor. A autora discorre sobre o processo de predicação nos seguintes termos:

Formar uma predicação é mais do que falar de algo ou de alguém, e dele dizer algo, tudo isso orquestrado conforme a natureza do centro da predicação, que é o verbo: por exemplo, se há ação, haverá um agente compatível com ela, podendo outros participantes terem outros

papéis semânticos, tudo conforme a estrutura que aquele verbo acionar para que seja obtido o efeito de humor pretendido (NEVES, 2010, p. 174).

Os postulados anteriormente apresentados possibilitam refletir sobre funcionamento do discurso humorísticos, ou seja, explicitar os aspectos envolvidos que exploram a natureza da linguagem, desde as construções propriamente ditas, sua organização sintático-semântica, até a situação de comunicação, o contexto interacional: quem é que fala, para quem, querendo dizer o quê, conseguindo ou não ter recuperada a sua intenção.

Nesse sentido, o contexto de interação proporciona condições adequadas para que o leitor possa interpretar o modo como são produzidos os enunciados, ou seja, em cada segmento de fala são escolhidas as palavras, o tom, a ordem, a duração, a carga emotiva, etc., condições essas que produzem reflexões altamente produtivas sobre o uso linguístico na prática escolar.

## **1. Considerações finais**

Há de se perceber que estudar gramática é refletir sobre o uso linguístico, sobre o exercício da linguagem e que o lugar de observações desse uso são os produtos que temos disponíveis – falados e escritos – mas é, também a própria atividade linguística de que participamos, isto é, a produção, recepção e a interação. Afinal, a gramática conduz a produção de sentido. Os sujeitos envolvidos no discurso humorístico são marcados pela heterogeneidade, provando que, mais que diversão, existe uma intencionalidade específica para a (re)criação do texto. Além disso, em sua funcionalidade, são dotadas de mecanismos próprios capazes de gerar o riso. Assim, os textos de humor se tornam rico material para a análise linguística e para as condições de produção do discurso, porque para que eles aconteçam, além da criatividade, é preciso que haja um “solo” fértil de problemas como os das zonas discursivas. Desse modo, para compreensão de textos humorísticos, é necessário que o leitor possua conhecimentos sobre a língua, sobre comportamento linguístico que se espera de um sujeito em determinada situação e sobre o contexto em que se produziu o texto.

## REFERÊNCIAS

BRAIT, B. **Ironia em Perspectiva Polifônica**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2008b, p. 294.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREUD, S. O Humor. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud*. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

\_\_\_\_\_. Os Chistes e sua relação com o Inconsciente. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud*. v. 8. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

\_\_\_\_\_. Sonhos [1915-1916]. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. v. 15. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

NEVES, M. H. M. *Ensino de Língua e vivências de linguagens: temas em confronto*. São Paulo: Contexto, 2010.

POSSENTI, S. Humor de circunstância. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 9, p. 333-344, 2000.

\_\_\_\_\_. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

RASKIN, V. *Semantic Mechanisms of humor*. Holland: R. P. Company, 1985.

TRAVAGLIA, L. C. Homonímia, mundos textuais e humor. *Organon 23*, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 41-50, 1995.

\_\_\_\_\_. O que é engraçado? - Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. *Leitura: Revista do departamento de Letras Clássicas e Vernáculas*. Universidade Federal de Alagoas, CHLA, p. 43-79, 1989a.

\_\_\_\_\_. Recursos linguísticos e discursivos do humor: humor e classe social na televisão brasileira. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 36, 1989, São Paulo. *Anais...* Lorena: Prefeitura Municipal de Lorena / GEL- SP, 1989b. v. 18. p. 670-677.